CURSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA O CACD
Profa. Vivian Müller

CONCURSO DE ADMISSÃO À CARREIRA DE DIPLOMATA
FORMATAÇÃO DA PROVA DISCURSIVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

2008



Anita Malfatti, *Samba*

"É verdade que eu já não pinto o que pintava há trinta anos. Hoje faço pura e simplesmente arte popular brasileira. É preciso não confundir: arte popular com folclore. (...) Eu pinto aspectos da vida brasileira, aspectos da vida do povo. Procuro retratar os seus costumes, os seus usos, o seu ambiente. Procuro transportá-los vivos para as minhas telas. Interpretar a alma popular, (...) eu não pinto folclore, nem faço primitivismo. Faço arte popular brasileira."

Anita Malfatti

PARTE I – REDAÇÃO

Elabore redação sobre o soneto abaixo.

LEGADO

Que lembraça darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
Minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

Carlos Drummond de Andrade. **Claro Enigma**. Nova reunião.
v. I. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1983, p. 247.

Em "Legado", um de seus poemas mais conhecidos, Carlos Drummond de Andrade faz uma reflexão acerca do risco do esquecimento, tema sempre presente em sua obra. Trata-se de uma escolha curiosa, uma vez que, à época do aparecimento de ***Claro enigma****, o autor já experimentara a consagração. Desde a publicação de* ***A rosa do povo****, pelo menos, Drummond era considerado um dos mais importantes poetas brasileiros.*

O poema dá a entender que, apesar do reconhecimento público, o autor não tinha ilusões acerca do porvir. Drummond parece considerar-se incapaz de legar à literatura de seu país uma contribuição relevante, capaz de resistir ao tempo. A glória que porventura tenha alcançado passará, sustenta o poeta, e restará apenas o olvido, quando não o escárnio.

Essas considerações não resultam da desconfiança do autor a respeito da qualidade dos próprios versos; são, antes, uma reflexão acerca do lugar da poesia na contemporaneidade. A menção ao mito de Orfeu, na segunda estrofe do soneto, explicita a perplexidade e o desalento de Drummond diante de um mundo indiferente à poesia. É nesse contexto que o poeta parece duvidar da própria capacidade para deixar às novas gerações um legado duradouro, e é por isso que ele afirma não esperar do futuro sorte melhor do que a dos outros.

Pode-se imaginar as diversas razões para a desesperança manifestada pelo autor no que se refere à permanência de sua obra e ao papel a ser desempenhado no mundo pela poesia. Sua geração testemunhara a mais cruenta guerra da história e viveria, na década de 1950, com a revelação dos crimes praticados pelo regime de Stalin, uma profunda desilusão com a utopia socialista. Essas experiências marcaram profundamente a obra de numerosos autores — como os pesquisadores associados à Escola de Frankfurt —, mas as questões suscitadas por Drummond em "Legado" parecem ter outra origem.

Os versos do soneto remetem a um outro tema: o do caráter transitório das coisas na modernidade. Drummond publicou ***Claro enigma*** *em um período de intensas transformações econômicas, políticas e sociais no contexto nacional. O Brasil de meados do século XX era, ainda, um país predominantemente rural, mas em acelerada urbanização. A paisagem das cidades alterava-se rapidamente, em razão da demanda habitacional, do desenvolvimento dos sistemas de transporte urbano e da industrialização. Drummond percebia essas transformações e perguntava-se sobre o impacto que elas teriam sobre a produção artística, especialmente sobre a poesia, constatando que o novo contexto afetava a possibilidade de permanência da contribuição do escritor.*

"Legado" pode ser interpretado, assim, como um poema sobre a aceleração dos tempos; ou, mais precisamente, sobre a permanência da arte em um contexto de transitoriedade. Nesse sentido, Drummond abordou um tema que se popularizaria somente no final do século, com autores como o urbanista francês Paul Virilio — já, então, sob o impacto do advento das novas tecnologias da comunicação.

A questão que Drummond sugere está em saber quais são as condições de permanência da obra de arte nesse contexto, ou seja, como um texto pode tornar-se clássico em uma situação de transitoriedade. O sociólogo britânico Jeffrey Alexander define como clássico o texto que se torna referência acerca de um tema qualquer, como ocorreu, por exemplo, com a obra de Karl Marx em

relação ao estudo dos processos de trabalho no capitalismo. Pode-se entender, assim, a obra clássica como uma obra que se tornou, de certa forma, permanente, assegurando a seu autor a lembrança das gerações futuras.

Drummond, sem dúvida, alcançou produzir alguns clássicos, no sentido atribuído à expressão por Alexander. "Legado", certamente, é um deles; com esse poema, o autor produziu um texto clássico, em língua portuguesa, sobre o tema do esquecimento. O próprio Drummond demonstra ter clareza de que não mais será esquecido, ao referir-se, no verso final do soneto, ao "leitmotiv" de seu poema mais conhecido.

PARTE II – EXERCÍCIO I

Interprete, no contexto do excerto a seguir, a frase: "Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias."

[...] E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado. Fabiano estirou o beiço, duvidando. Sinha Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás de bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam.

— O mundo é grande.

Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande — e marchavam, meio confiados, meio inquietos. [...]

Graciliano Ramos. **Vidas Secas**. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 122-3.

EZEQUIEL GERD CHAMORRO PETERSEN (17.5/20)

*No excerto de **Vidas Secas**, Graciliano Ramos recorre ao discurso indireto livre para relatar diálogo entre Fabiano e Sinha Vitória. Marido e mulher encontravam-se em movimento migratório, fugindo, novamente, das conseqüências de seca que chegara ao sertão.*

Ao expressar a certeza de que existiam coisas extraordinárias no mundo, Sinha Vitória declarava ao companheiro ter esperança em uma vida melhor e estável. Demonstrava estar exausta da rotina desgraçada do sertanejo miserável, refém de suas limitações intelectuais e das estiagens que assolam a região nordestina de tempos em tempos. O desejo de vencer as adversidades da vida era a força que animava o casal na luta contra o mundo pequeno que os aprisionava.

PARTE II – EXERCÍCIO II

Com base no contraste entre os dois trechos reproduzidos a seguir, interprete a expressão "o verdadeiro sentido da colonização tropical", empregada por Caio Prado Júnior na obra **Formação do Brasil Contemporâneo**.

> [...] as colônias tropicais tomaram um rumo inteiramente diverso do de suas irmãs da zona temperada. Enquanto nessas se constituirão colônias propriamente de povoamento (o nome ficou consagrado depois do trabalho clássico de Leroy-Beaulieu, ***De la colonisation chez les peuples modernes***), escoadouro para excessos demográficos da Europa que reconstituem no novo mundo uma organização e uma sociedade à semelhança do seu modelo e origem europeus; nos trópicos, pelo contrário, surgirá um tipo de sociedade inteiramente original. Não será a simples feitoria comercial, que já vimos irrealizável na América. Mas conservará, no entanto, um acentuado caráter mercantil; será a empresa do colono branco, que reúne a natureza, pródiga em recursos aproveitáveis para a produção de gêneros de grande valor comercial, o trabalho recrutado entre raças inferiores que domina: indígenas ou negros africanos importados. Há um ajustamento entre os tradicionais objetivos mercantis que assinalam o início da expansão ultramarina da Europa, e que são conservados, e as novas condições em que se realizará a empresa. Aqueles objetivos, que vemos passar para o segundo plano nas colônias temperadas, se manterão aqui, e marcarão profundamente a feição das colônias do nosso tipo, ditando-lhes o destino. No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem, em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos.
>
> Caio Prado Júnior. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 30-1.

> De um ponto de vista macroeconômico, as colônias da Nova Inglaterra (assim como Nova York e Pensilvânia) continuaram a ser, avançando o século XVIII, economias de produtividade relativamente baixa. O produto por habitante deveria ser substancialmente inferior ao das colônias agrícolas de grandes plantações. Contudo, o tipo de atividade econômica que nelas prevalecia era compatível com pequenas unidades produtivas, de base familiar, sem o compromisso de remunerar vultosos capitais. Por outro lado, a abundância de terras tornava atrativa a imigração européia no regime de servidão temporária. Ao surgir para o pequeno proprietário a possibilidade de vender regularmente parte de sua produção agrícola, tornou-se para ele viável o financiamento da viagem de um imigrante cujo trabalho seria explorado durante quatro anos. Estima-se que pelo menos a metade da população européia que emigrou para os EUA antes de 1700 estava constituída de pessoas que haviam aceito um ou outro regime de servidão temporária. A principal vantagem que esse sistema apresentava para o pequeno proprietário estava em que a imobilização de capital era muito menor que a exigida pela compra do escravo, sendo também menor o risco em caso de morte. O escravo africano constituía um negócio muito mais rentável para o grande capitalista, mas de maneira geral não estava ao alcance do pequeno produtor. Por outro lado, as atividades agrícolas dessas colônias tampouco justificavam grandes inversões. Explica-se, assim, que a importação de mão-de-obra européia em um regime de servidão temporária tenha continuado nas colônias mais pobres e haja sido excluída das colônias mais ricas, não obstante fosse amplamente reconhecido que o trabalho escravo era o mais barato. A transição para o escravo africano só se realizou ali onde foi possível especializar a agricultura num artigo exportável em grande escala.
>
> Celso Furtado. **Formação econômica do Brasil**. 21. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986, p.30.

Nos trechos em destaque, Caio Prado Júnior e Celso Furtado analisam diferenças existentes entre as colônias tropicais e as temperadas. Enquanto nestas prevaleceu a vontade de povoar, naquelas erigiu-se vasta empresa colonial, cujo objetivo era tão-somente remeter altos lucros às metrópoles, sem preocupações em fixar população na colônia.

Esse aspecto empresarial da colônia tropical, administrada em proveito do comércio europeu, constitui o que Caio Prado Júnior denomina "o sentido da colonização". Para realizar esse projeto, foi necessária a exploração de trabalho alheio, com destaque para o negro africano, escravizado, pois era preciso fixá-lo na terra dos grandes proprietários. Nas colônias de povoamento, por sua vez, não havia compromisso em remunerar grandes capitais externos. Os colonos povoadores puderam, por isso, estruturar-se em pequenas propriedades e fazer uso, quando oportuno, do sistema de servidão temporária, uma vez que seu restrito capital não lhes permitiria explorar o trabalho africano.